

# **“Quartos” de Rochelle Costi e “Sou visto enquanto vejo onde não estou”, Grupo Em-Cadeia: Uma aproximação**

Camila de Souza Lima de Andrade

Programa de Pós Graduação em Tecnologia e Sociedade

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba – PR.

## **Resumo**

As fotografias são experiências capturadas e podem ser utilizadas como forma de contextualizar a história e memória do que se é fotografado. Este texto tem como objetivo analisar as aproximações entre os trabalhos fotográficos da artista Rochelle Costi e do Grupo Em-Cadeia, com seus respectivos trabalhos: obra “Quartos”, e “Sou visto enquanto vejo onde não estou”.

## **Introdução**

Rochelle Costi, (Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, 1961). Possui graduação em comunicação social - Pontifícia Universidade Católica. Porto Alegre, RS. É fotografa e artista multimídia. Na obra Quartos, utiliza das manifestações populares das pessoas nos lugares e na cidade, analisando como se manifestam no meio doméstico ou urbano. Trabalha fotografando objetos e o espaço privado acreditando que a intimidade individual seja tão profunda, que ela acaba se tornando uma intimidade coletiva universal. “Na intimidade somos todos muito parecidos”. (Rochelle Costi, 2013).

O Grupo Em-Cadeia (Curitiba, Paraná, 2020) é um grupo formado por 6 artistas visuais que desenvolvem pesquisas individuais e coletivas em diferentes linguagens contemporâneas dentro da artes visuais. Utiliza performances multimídias, como pintura, escultura, fotografia e vídeo, buscando sempre a diversidade. Seus integrantes são: Luiz Gustavo Moreira, Priscila Durigan, Yasmin Kozask, Barbara Haro, Luiza Urban e Isabela Picheth.

Em 1998, Rochelle Costi produziu uma série fotográfica, retratando 16 quartos de moradores de São Paulo. Mapeou a cidade de acordo com as características culturais e sociais de cada região. A ideia era mostrar a intimidade das pessoas e como a figura humana aparecida através de seus objetos e lugares íntimos. A artista credita esse trabalho principalmente à importância antropológica, uma análise do comportamento através dos ambientes íntimos. No meio da pandemia do COVID-19, O Grupo Em-Cadeia, abriu um edital online convidando pessoas de todos os lugares a enviarem fotografias das janelas

de suas casas, afim de criar um ambiente virtual onde a ideia principal seria montar uma série de janelas posicionadas próximas umas às outras, formando uma estrutura cilíndrica.

Este texto tem como objetivo analisar as aproximações entre os dois trabalhos, levando em consideração que as imagens fotográficas, dentre de suas diversas funções, podem ser usadas como registro de memória e histórico do presente e objeto de observação para o futuro.

## **Desenvolvimento**

“Oi. Oi. Estão me ouvindo? Conseguem me ouvir? É que vocês parecem tão distantes e ao mesmo tempo tão perto.” (Grupo Em-Cadeia, 2020).

As fotografias são experiências capturadas e podem ser utilizadas como forma de contextualizar a história e memória do que se é fotografado. Segundo Flusser (1997), as imagens fazem a mediação entre o homem e o mundo. O homem existe, mas o mundo não lhe é acessível imediatamente, exceto quando pensa e cria imagens, aí entrepõe-se entre o mundo e o homem, logo o homem passa a viver o mundo em função das imagens. Inicialmente, a fotografia era utilizada pela burguesia, mas foi preciso esperar o século XX, entre o período das duas guerras mundiais, para que a fotografia se tornasse a maneira mais natural de se referir aos fatos acontecidos, e suas aparências. Berger (2017) afirma que a primeira câmera fotográfica popular, chegou ao mercado, por volta de 1888. Foi o período no qual a fotografia passou a ser considerada mais democrática, uma vez que tornou-se um meio público, que podia ser usada por todos.

No atual momento pandêmico no mundo, o espaço da casa tornou-se o palco central das nossas atividades cotidianas. Os trabalhos de Rochelle Costi e do Grupo Em-Cadeia, retratam esses espaços cotidianos (quartos e janelas), através de diferentes contextos sociais e culturais. Nos apresentam questões históricas, funcionando como parte de uma memória de um determinado tempo, mas que pelas suas aproximações em relação ao retratar o espaço íntimo e privado, fazem ser atemporal e nos permite analisar o comportamento e vivências humanas através desses ambientes fotografados. Rochelle Costi afirma que os pequenos atos e objetos cotidianos, fazem parte da história e do que virá a ser memória, por isso a importância de registrá-los. Ao fotografar os 16 quartos e suas estruturas, decorações e objetos contidos nos móveis, a artista acredita que essas imagens contam história dos acontecimentos sociais e culturais da época, formando um “grande conjunto de memória coletiva”.

O Grupo Em-Cadeia apresenta a ideia da junção das imagens de todas as janelas, em um formato cilíndrico, lembrando uma janela de uma cela, em um sistema carcerário. Cria-se então, a ideia de que vivemos sempre dentro de um lugar aonde somos supervisionados, sejam pelas redes sociais, tecnologias ou sistemas políticos: “Isolados, a janela pode ser encarada como uma figura simbólica de liberdade, mesmo que esta seja, por vezes, ilusória: o tamanho da cela não altera o fato de estarmos presos” (Hélio Brandão, conforme citado por Grupo Em-Cadeia, 2020)

A obra *Quartos* (Rochelle Costi, 1998), e *Sou visto enquanto vejo onde não estou* (Em-Cadeia, 2020), fazem o convite de ver-nos a nós mesmos, entre o perto e o distante: Olhar para fora da janela e para dentro de nossos quartos, mesmo que estes lugares não sejam materiais ou arquitetônicos, mas simbólicos, culturais, sociais e íntimos. Estar isolados dentro de nossas casas, significa que fora delas estamos livres? Ou isolados por outros aspectos sociais, políticos e sistemáticos? O quarto seria nosso refúgio (perto) e a janela nossa visão para fora (distante).

### **Considerações finais**

Os trabalhos de Rochelle Costi e do coletivo Em-Cadeia, se aproximam por retratar lugares privados, aonde a imagem fotográfica é utilizada, com o auxílio de outras fontes históricas, como uma fonte importante histórica, permitindo gerar muitas reflexões sobre vários aspectos sociais, culturais, políticos, e intervenções humanas na sociedade, possibilitando a expressão do imaginário social, e econômico dos sujeitos pertencentes no espaço e tempo observado. Ambos trabalhos preservam e divulgam uma memória cultural social. “Toda fotografia é uma possível contribuição à história, e qualquer fotografia, em certas circunstâncias, pode ser usada para romper o monopólio que hoje a história tem sobre seu tempo”. (BERGER, 2017, p 109).

### **Referências:**

BERGER, John. **Para entender uma fotografia**. São Paulo: Schwarcz, 2017.

FLUSSER, Vilém. **Ensaio sobre a Fotografia: Para uma filosofia da técnica**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1998.

GRUPO EM-CADEIA. **Sou visto enquanto vejo onde não estou**. 2020. Página inicial. Disponível em: < <https://grupoemcadeia.wixsite.com/grupoem-cadeia/janela>>. Acesso em 29/07/2020.

BRASIL, Santander. **O Cotidiano na Arte**: a artista Rochelle Costi fala sobre sua obra. 2013. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=RxI2V76vP2Q>>. Acesso em 29/07/2020.